



POLÍBIOS

História

Seleção, tradução, introdução e notas
MÁRIO DA GAMA KURY

3ª. EDIÇÃO
2023


MADAMU

Copyright © 2023 by herdeiros de Mário da Gama Kury

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Assistente Editorial

Josiane da Fonseca Ferreira

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

Sumário¹

Introdução 25

LIVRO I 35

Capítulo 1: Utilidade da História. Importância excepcional do assunto da História: Roma dominou o mundo em cinquenta e três anos. 2: O império romano comparado com outros anteriores. 3: Ponto de partida da obra: a 140.^a Olimpíada (220 a.C.); necessidade de uma vista retrospectiva na história de Roma e de Cartago. 4: Superioridade da História Geral sobre as Histórias parciais. 5-10: História mais antiga: os romanos subjagam a Itália; os mamertinos conquistam Messina, depois são vencidos por Hiêron II, novo rei de Siracusa; e pedem ajuda aos cartagineses e em seguida aos romanos. 11-12: Os romanos decidem prestar ajuda aos mamertinos; Ápio Cláudio derrota Hiêron e os cartagineses. 13: Resumo dos livros I e II. 14-15: Filinos e Fábio, historiadores da primeira Guerra Púnica. 16: Os romanos chegam em massa à Sicília; Hiêron negocia com eles. 17-19: Cerco e captura de Agrigento pelos romanos. 20-23: Os romanos constroem pela primeira vez uma grande frota; operações no mar; vitória naval do côsul C. Duílio diante de Mílai. 24-28: Captura de Aigesta e de outras cidades; batalha naval de Tindaris; os romanos na Sardenha; vitória naval romana em Êcnomos. 29-35: Os romanos desembarcam na África; os cartagineses recorrem a Xântipos; M. Régulo é vencido e capturado; lição a tirar desses acontecimentos. 36-37: Uma grande frota romana é destruída diante de Camarina por uma tempestade após vencer os cartagineses no litoral da África. 38-41: Asdrúbal é enviado a Lilíbaion com uma grande frota; os romanos constroem uma nova frota e capturam Panormos; sua frota é destruída novamente por uma tempestade e eles desistem de lutar no mar; Asdrúbal é derrotado pela guarnição de Panormos. 42-52: Os romanos constroem outra frota e dão início ao cerco de Lilíbaion; a frota romana faz uma tentativa malograda contra Drêpana. 53-58: Uma tempestade destrói novamente uma grande

H766h Políbios (c. 208 - 120 a.C.).
História. Seleção e tradução de Mário da Gama Kury, 3^a. ed., São Paulo:
Editora Madamu, 2023.

632p., 16 x 23cm
Tradução do original grego
ISBN 978-65-86224-35-1

1. História Antiga. 2. Grécia. 3. Pensamento Político Clássico.

CDD: 938.05

Índices para catálogo sistemático:

1. História Antiga. 2. Grécia. 3. Segunda Guerra Púnica.
4. Pensamento Político Clássico.

1. N.T.: Este é o sumário da obra completa; os parênteses duplos (...) distinguem os capítulos e livros não traduzidos.

frota romana ao largo da Sicília; os romanos apoderam-se do monte Êrix; Amílcar instala-se em Heírcte, no território de Panormos; a luta se prolonga indefinidamente. 59-64: Amílcar captura a cidade de Êrix; os romanos decidem reiniciar a guerra no mar e obtêm uma grande vitória naval perto das ilhas Áigatas; Amílcar é incumbido de negociar com os romanos; a paz é concluída. 65-68: A guerra dos mercenários; origem da revolta; Gísccon tenta apaziguar os mercenários. 69-72: Spêndios e Matos levam as tropas à guerra ostensiva, sublevam os líbios e cercam Utica e Hipacrítai. ((73-74: Preparativos dos cartagineses; cerco de Cartago; derrota de Ânnon diante de Utica por imperícia. 75-78: Amílcar derrota os rebeldes e liberta Utica; o numídeo Narauas junta-se a ele; nova vitória de Amílcar.)) 79-81: Rebelião dos mercenários na Sardenha; execução de Gísccon; reflexões a propósito da crueldade dos rebeldes. 82-83: Amílcar e Ânnon desentendem-se; Utica e Hipacrítai aderem aos rebeldes; ((Hiêron e os romanos ajudam os cartagineses)). 84-85: Amílcar aniquila um exército inimigo; Autáritos e Spêndios são capturados. 86-88: Matos derrota e executa Aníbal diante de Túnis; reconciliados, Amílcar e Ânnon derrotam e aprisionam Matos; capitulação de Utica e de Hipacrítai; fim da guerra dos mercenários; os romanos forçam os cartagineses a lhes entregar a Sardenha.

LIVRO II

106

1-2 § 6: Conquistas de Amílcar na Espanha; sua substituição no comando após a morte pelo genro Asdrúbal. ((2 § 7-4 § 4: Os ilírios vencem os etólios em combate na Acarnânia; morte de Ágron, rei dos ilírios, e sua sucessão pela mulher, Teuta.)) 4 § 5: A lição da derrota dos etólios. ((4 § 6-6: Ações militares dos ilírios no Êpeiros obrigando os epirotas a negociar; ingratidão dos epirotas para com os aqueus e os etólios.)) 7: A loucura dos epirotas confiando a defesa de sua capital aos gauleses, conhecidos por sua deslealdade. ((8-12: A pirataria dos ilírios, cuja rainha manda assassinar um embaixador dos romanos; os romanos preparam-se para guerreá-los; ataque dos ilírios a Epídarnos e Córcira; rendição dos corcireus; chegada da frota romana diante de Córcira; os corcireus entregam-se aos romanos, que libertam Epídarnos e Issa, forçando Teuta, rainha dos ilírios, a fugir; os romanos entregam parte de suas conquistas a Demétrios de Faros; a rainha Teuta é obrigada a negociar com os romanos; os romanos enviam à Aitolia e à Acaia embaixadores para divulgarem o tratado com Teuta; os coríntios permitem a participação dos romanos no Jogos Ístmicos; início das relações formais entre Roma e a Hélade.)) 13: Sucesso de Asdrúbal na Espanha; fundação de Nova Cartago. ((14-35: Descrição da Itália; a planície

do Pó e sua riqueza; expulsão dos etruscos da planície do Pó pelos gauleses transalpinos; enumeração dos povos gauleses instalados na região; simplicidade de seus costumes; a sucessão das guerras entre os romanos e os gauleses desde a conquista de Roma, em 386 a.C.; os romanos dividem o território dos gauleses senones e o Piceno; a grande invasão gaulesa de 225; os romanos reúnem forças consideráveis; enumeração dos romanos e dos itálicos mobilizados; os gauleses na Etrúria são envolvidos pelos dois exércitos consulares; vitória dos romanos em Telamon; invasão da planície do Pó pelos romanos, que subjagam a população gaulesa; reflexões sobre todas essas guerras.)) 36: Asdrúbal é assassinado na Espanha e é substituído por Aníbal. 37-70: Origens e história da fase inicial da Confederação Aqueia; captura de Corinto por Áratos; a guerra de Demétrios; início da guerra de Cleomenes; ameaça de coalizão contra a Confederação Aqueia; Áratos aproxima-se de Antígonos Dôson; os aqueus chamam o rei da Macedônia diante do avanço de Cleomenes, que se retira; Antígonos apossa-se de Corinto; constitui-se uma ampla liga helênica encabeçada por Antígonos; Cleomenes captura e saqueia Megalópolis; críticas de Políbios ao historiador Fílarcos a propósito de acontecimentos da época; Cleomenes saqueia a Argolis, mas é esmagado por Antígonos Dôson em Selasia; Antígonos ocupa Esparta; fim da guerra de Cleomenes; morte de Antígonos, cujo sucessor é Filipo V. 70: Fim da parte retrospectiva da História.

LIVRO III

139

Capítulos 1-5: Resumo dos principais acontecimentos de 220 a 169; Políbios prolongará a História até 145 e resume os acontecimentos também no período de 169 a 145; as verdadeiras causas da segunda Guerra Púnica; diferença entre causa e início de um acontecimento. 8-12: Desejo de vingança de Amílcar e o juramento de Aníbal quando criança. 13-14: Campanhas de Aníbal na Espanha central. 15: Aníbal recebe embaixadores romanos a propósito de Sagunto. 16: Início da segunda guerra da Ilíria. 17: Aníbal sitia e captura Sagunto. 18-19: Vitória dos romanos na Ilíria; Demétrios refugia-se junto a Filipo. 20-28: Embaixada romana a Cartago; os tratados anteriores entre Roma e Cartago. 29-30: As responsabilidades de cada lado no rompimento dos tratados vigentes em 219. 31-32: Vantagens da História Geral. 33: Preparativos de Aníbal na Espanha antes do início da expedição. 34-35: Aníbal subjuga os iberos até o Pireneus. ((36-39: dados geográficos sobre os três continentes; a extensão do percurso de Aníbal.)) 40: Os boios sublevam-se contra os romanos. 41-45: Cipião chega perto de Marselha, enquanto Aníbal atravessa o Ródano. ((46-48: Considerações sobre a travessia dos

Alpes por Aníbal.) 49-56: Aníbal atravessa os Alpes. ((57-59: Políbios deixa para outra oportunidade a menção dos resultados de suas investigações a respeito das regiões ocidentais da Europa.)) 60-67: Aníbal chega ao vale do Pó e derrota Cipião no Ticino; os gauleses aderem a ele. 68-70: Semprônio junta-se a Cipião com seu exército e se mostra afoito em relação à batalha. 71-75: Aníbal obtém uma vitória retumbante perto de Trebia; Servílio e Flamínio, os novos cônsules, adotam medidas de emergência. 76: Cipião age na Espanha. 77-85: Aníbal atravessa os pântanos da Etrúria, hostiliza Flamínio e o atrai para as margens do lago Tarsimene, onde lhe aniquila o exército. 86-92: Aníbal vai para a costa do Adriático; os romanos designam Fábio como ditador; Aníbal saqueia a Apúlia, enquanto Fábio contemporiza, penetra na Campânia e a devasta. 93-94: Aníbal engana Fábio e recupera a Apúlia. 95-100: Gaio Cipião obtém uma vitória naval na Espanha; o Senado romano incumbe Públio Cipião de levar reforços ao seu irmão e juntar-se a ele; os romanos atravessam o Ebro e conquistam, para Roma, numerosas cidades da Espanha. 101-105: Aníbal prepara-se para passar o inverno em Gerúncio; Minúcio, substituindo Fábio, inflige um revés a Aníbal, recebendo poderes iguais aos de Fábio; Minúcio trava nova batalha contra Aníbal e é salvo do desastre pela intervenção de Fábio. 106-107: Emílio Paulo e Terêncio Várron são eleitos cônsules; Aníbal captura Canas: os romanos formam um exército de oito legiões. 108-110: Emílio exorta seus soldados e se desentende com Várron. 111-112: Aníbal exorta suas tropas; Várron quer travar combate; em Roma, a população recorre a todos os meios para obter a proteção divina. 113-114: Os dois exércitos tomam posição de combate junto ao rio Áufido. 115-117: Batalha de Canas; o exército romano é esmagado. 118: Consequências da batalha de Canas.

LIVRO IV

232

1-2: Recapitulação; a razão da escolha de 221/220 a.C. para começar a guerra. 3-6: Os etólios cansam-se da paz e estão ávidos de pilhagens; homens de Dorímacos saqueiam a Messênia; Dorímacos entende-se com Scopas para desencadear a guerra; os saqueadores etólios saem para todos os lados, atravessando a Acaia para chegar à Messênia. 7-12: Os aqueus decidem-se a ajudar os messênios; o caráter de Áratos, derrotado em Cafiai pelos etólios. 13-14: Após a retirada dos etólios, Áratos volta a impor-se aos aqueus. 15-21: Demétrios de Faros e os piratas ilírios iniciam a campanha; os etólios capturam e saqueiam Cinaita; importância da música entre os arcádios. 22-24: Filipo chega ao Peloponeso; recusa-se a atacar os espartanos amigos dos etólios, que haviam tentado um golpe, e convoca o congresso da Liga He-

lênica. 25-26: Decisão dos aliados contra os etólios. 27-33: Scopas comanda os etólios; Filipo negocia com Cerdilaídas; resposta dos aliados à decisão do congresso; bravura dos acarnânios; deslealdade dos epirotas e cegueira dos messênios em relação aos arcádios, seus aliados naturais. 34-36: Os espartanos negociam com os etólios; novo golpe em Esparta; restauração dos reis. Licurgo sobe ao trono; os espartanos invadem a Argolis. 37-38 § 10: Início de operações militares em todo o mundo mediterrâneo na primavera de 219; guerra dos ródios e de Prusias da Bitínia contra Bizâncio. ((38 § 11-§ 13: posição vantajosa de Bizâncio. 39-42: Digressão a respeito da oceanografia do Mar Negro. 43-44: Vantagem da situação geográfica de Bizâncio em comparação com a da Calcedônia. 45-46: Lutas de Bizâncio contra os trácios e os gálatas. 47-48: Rodes rompe com Bizâncio. 49-50: Prusias alia-se aos ródios; operações militares. 51-52: Acaios abandona os bizantinos, que se sujeitam a negociar. 53-55: Luta entre as cidades cretenses; intervenção dos macedônios e dos aqueus, de um lado em Creta, e do outro lado, dos ródios e dos etólios; destruição de Litos. 56: Rodes envia ajuda a Sinope, ameaçada por Mitridates do Pontos. 57-58: Ataque fracassado dos etólios contra Aigêirion. 59-60: Os eleus ameaçam as cidades aqueias de Dime, Fáraí e Trítaia. 61-62: Filipo sitia Âmbracos; Scopas saqueia Díon. 63-65: Filipo invade a Aitolia e captura Oiniádai. 66-68: Filipo volta à Macedônia para conter os dardânios; os etólios saqueiam Dodona. 69-72: Filipo aparece subitamente no Peloponeso em pleno inverno, e captura Psófis. 73-75: Filipo invade e saqueia a Élis; digressão sobre a Élis. 76-77: Apeles tenta subjugar os aqueus; Áratos intervém junto a Filipo; elogio de Filipo. 78-80: Conquista da Trifília; golpe fracassado de Quílon em Esparta. 81-82: Apeles faz intrigas contra Áratos, consegue eleger para comandante dos aqueus um dos adversários políticos deste último, mas não consegue solapar-lhe o prestígio junto a Filipo. 83-87: Providências tomadas por Antígono Dôson antes de sua morte; Filipo em Argos.)).

LIVRO V

267

1-2: Após entender-se com Áratos e obter o apoio dos aqueus, Filipo prepara-se para atacar os etólios; Apeles e Leôntios tramam contra ele. 3-4: Filipo desembarca em Cefalênia, mas não consegue conquistar Pálai. 5-16: Filipo invade a Aitolia, saqueia Termos e retira-se; depois, adota sanções contra Megaleas. 17-21 § 3: Operações militares na Messênia e na Acaia; Filipo em Corinto. ((21 § 4-28: Filipo invade e saqueia a Lacônia, retirando-se em seguida; Leôntios provoca um motim no exército e Filipo manda executá-lo; os ródios tentam incentivar conversações de paz.)) 29:

Fílipos livra-se de Megaleas e de Apeles. 30: As condições precárias das tropas aqueias levam Áratos a substituir Epêratos na qualidade de comandante da Confederação. 31-33: Reflexões sobre a continuidade dos acontecimentos numa História geral. 34-40: Ptolemaios IV sobe ao trono do Egito em 221, mas é desprezado por causa de sua devassidão; revolta e morte de Cleomenes, e defecção de Teódotos. 41-42: Advento de Antíocos III em 223; levante de Mólou na alta Ásia; manobras estranhas de Hermeias; casamento de Antíocos com Laodice do Pontos. 43-48: Mólou inicia sua ofensiva a partir da Média; Antíocos prepara-se para invadir a Coile Síria em 221, mas desiste diante do sucesso de Mólou. 49-57: Campanha vitoriosa do rei contra Mólou; restabelecida a ordem nas províncias, Artábazos é forçado a negociar; o rei livra-se de Hermeias. 58-62: Antíocos reinicia a luta contra Ptolemaios, apodera-se de Selêucia (na Pieria), e depois avança através do Líbano e da Fenícia, ajudado por Teódotos. 63-71: Sosíbios prepara um poderoso exército no Egito; suspensão das operações militares mediante trégua; Sosíbios simula disposição de negociar para agradar a Antíocos; reinício da guerra em 218; sucesso de Antíocos na Fenícia, na Palestina, na Transjordânia e na Arábia. 72-78: Intervenção de Acaios na Pisídia; cerco de Selga pelos pednelíssios; os selgeus são derrotados e têm de negociar; campanha de Átalos na Aiolis e na Mísia. 79-87: As tropas de Antíocos e de Ptolemaios travam a batalha de Rafia em 217; Antíocos é derrotado e obrigado a negociar. 88-90: Digressão a propósito das consequências do terremoto em Rodes e da generosidade dos reis naquela ocasião. 91-94: Providências de Áratos para restaurar o poderio militar da Acaia; operações militares no Peloponeso. ((95: Agressões dos ilírios.)) 96-100: Operações militares dos etólios na Grécia central; campanha de Fílipos na Ftiotis. 101-102: Informado da derrota dos romanos em Trasimene, Fílipos resolve fazer a paz com os etólios para atacar Roma; ambições de Fílipos; negociações com vistas a uma conferência de paz. 103-105: Reunião em Náupactos; discurso de Agêlaos sobre a ameaça vinda do ocidente contra a Grécia; conclusão da paz. ((106: Efeitos benéficos da paz no Peloponeso; o comportamento indigno dos atenienses. 107: Revolta dos nativos no Egito; os etólios cansam-se rapidamente da paz. 108-110: Expedição naval de Fílipos contra a Ilíria; sua retirada inglória.)) 111: Derrota infligida aos gálatas por Prusias.

LIVRO VI 346

2: Importância dessa digressão consagrada às instituições romanas e razão de sua inclusão nesse ponto da obra. 3-4: Os diversos tipos de constituição e o ciclo de sucessão dos regimes políticos segundo uma lei

natural. 5-6: Origens do sentimento moral e social. 7-9: Como os diversos regimes, desde a monarquia até a democracia, corrompem-se e dão lugar ao subsequente na ordem natural. 10: A constituição mista concebida na Antiguidade por Licurgos, em Esparta. 11: Singularidade da constituição romana, ao mesmo tempo monárquica, aristocrática e democrática. 12: Poderes dos Cônsules (característica monárquica). 13: Poderes do Senado (característica aristocrática). 14: Poderes do povo (característica democrática). 15-18: Equilíbrio desses poderes. ((19-26: recrutamento e organização das legiões; armamento dos soldados. 27-34: O acampamento do exército romano. 35-39: O serviço de guarda; as punições e recompensas; o soldo. 40-44: O exército em campanha.)) 45-47: Contestação do valor das instituições cretenses, que nada têm a ver com as de Esparta. 48-50: Méritos da constituição de Licurgos; suas deficiências. 50-52: A constituição de Cartago, já em declínio, não comporta comparação com a de Roma, em seu apogeu; superioridade dos romanos nos assuntos relativos à guerra. 53-56: Como os romanos encorajam os jovens à prática da excelência militar; os funerais dos grandes homens de Roma; heroísmo e espírito de sacrifício dos romanos; o exemplo de Horácio Cocles. 57: Considerações sobre o declínio inevitável dos melhores regimes, ameaçados pela oclocracia. 58: Intransigência louvável do Senado, recusando-se a pagar o resgate exigido por Aníbal para libertar os soldados romanos aprisionados em Canas.

LIVRO VII 373

((1: A conduta dos habitantes de Cápua e de Petélia.)) 2-5: Hierônimos, rei de Siracusa, rompe com os romanos e prepara-se para aliar-se aos cartagineses na guerra. ((6: O cerco de Leontínoi.)) 7-8: Crítica à prolixidade de certos historiadores a propósito da morte de Hierônimos. 9: Texto do tratado entre Aníbal e Fílipos. ((10: Intervenção de Fílipos na Messênia.)) 11-14: Influenciado por Demétrios e, apesar dos esforços de Áratos, Fílipos começa a mudar de conduta e desiste de apoderar-se de Itome. ((15-18: Os últimos dias do cerco de Sárdis, onde Acaios se refugiara, derrotado por Antíocos; captura de Sárdis graças a um estratagema.))

LIVRO VIII 383

1-2: Considerações gerais a propósito dos feitos dos romanos. ((3-7: O primeiro ano do cerco de Siracusa por Marcelo; os romanos são contidos pelas máquinas de guerra de Arquimedes. 8-11: Fílipos na Messênia; digressão acerca de Teópompos, historiador de Fílipos II da Macedônia. 12: Morte de Áratos, envenenado por Fílipos. 13-14: Fílipos conquista Lissos,

na Ilíria. 15-21: Acaios é atraído traiçoeiramente para fora de Sárdis. 22: As qualidades do rei gálatas Cáuaros. 23: Antíocos consegue subjugar Xerxes, rei da Armênia.) 24-31: Alguns tarantinos propõem a Aníbal a entrega de sua cidade; o comandante cartaginês chega a ocupar a cidade baixa. 32-34: Aníbal isola a acrópole de Táranto, onde estavam refugiados os romanos, e se retira em seguida. 35-36: Exemplos de comandantes que caíram em armadilhas do inimigo: T. Graco, Arquídamos, Pelópidas, ((37 § 1: A muralha de Epípolai.)) 37 §§ 2-11: Marcelo consegue transpor de noite a muralha de Siracusa e apoderar-se da elevação que domina a cidade. ((38: Eventos na Espanha.))

LIVRO IX..... 396

1-2: Razões de Políbios para ater-se ao gênero pragmático, excluindo os demais gêneros de História, mais atraentes à primeira vista. 3-5: Incapaz de forçar os romanos a levantar o cerco de Cápua, Aníbal decide efetuar uma marcha fulminante até os arredores de Roma. 6-7: Os romanos não se deixam intimidar; Aníbal retira-se após devastar os campos; desbaratando de passagem um contingente romano, Aníbal instala-se em Brútio e tenta, inutilmente, capturar Région. 8-9 § 10: Os méritos dos romanos e de Aníbal nesse episódio; comparação com a expedição de Epamênondas contra Esparta. ((9 § 11: Revés do almirante cartaginês Bomílcar em Táranto. 10: Vencida Siracusa, os romanos despojam a cidade de suas obras de arte; Políbios censura esse procedimento. 11: Discórdia entre os comandantes cartagineses; cupidez de Asdrúbal, filho de Gísccon. 11a: Escassez de trigo em Roma; os romanos recorrem a Ptolemaios para abastecer-se.)) 12-13 § 8: A arte do comandante. ((13 § 9-21: Toda a operação destinada a surpreender o inimigo deve ser preparada cuidadosamente; o comandante de um exército deve ter noções de astronomia para orientar sua marcha; exemplos de operações militares fracassadas por deficiências desses conhecimentos: Áratos, Cleomenes, Filípos e Nícias; são também indispensáveis algumas noções de geometria.)) 22-26: Grandeza de Aníbal; dificuldade de reconhecer-lhe o verdadeiro caráter, pois os homens mudam de acordo com as circunstâncias. ((26a-27: Erros cometidos na estimativa do tamanho de cidades; descrição de Agrigento e sua localização; mercenários refugiados em Agatírnon são mandados para a Itália. 28-31: Discurso do etólio Claineas pedindo a colaboração de Filípos contra Esparta. 32-39: O acarnânio Líciscos responde acentuando, entre outras coisas, o perigo que a intervenção dos romanos constituía para a Grécia. 40: Resistência heroica dos acarnânios. 41-42: Filípos sitia

Êquinos; capitulação da cidade apesar da ajuda dos etólios e dos romanos; Ágina capturada pelos romanos; seus habitantes anteveem a possibilidade de evitar a escravidão. 43: O Eufrates.))

LIVRO X..... 409

((1: Observações a propósito da localização vantajosa de Táranto e de seu porto.)) 2-5: Reflexões sobre o caráter e a genialidade de Cipião; sua eleição para a edilidade. 6-9 § 7: Cipião prepara-se para atacar Nova Cartago. ((9 § 8-10 § 4: Cerco de Nova Cartago.)) 10 § 5-15: Um primeiro assalto é repellido pelos defensores da cidade, mas eles sucumbem ao segundo. ((16-17: Partilha dos despojos.)) 18-20: Cipião dispõe dos cativos e se apieda diante do infortúnio das mulheres dos iberos, reféns dos cartagineses; Cipião normaliza as atividades da cidade e depois regressa a Tarragona. 21-22 § 5: Filopôimen; sua formação e seu caráter. ((22 § 6-25: Filopôimen reorganiza a cavalaria aqueia; fragmento de um discurso pela paz.)) 26: Abusos cometidos por Filípos em Argos. ((27: A Média e sua capital, Ecbátana; Antíocos saqueia o templo de Aina. 28-31: O parto Arsaces retira-se diante do avanço de Antíocos, que sitia e captura Sírinx.)) 32-33 § 7: Marcelo é morto durante uma pequena operação de reconhecimento; reflexões sobre a parva imprudência de certos comandantes. ((33 § 8: Incidente com Aníbal na tentativa de captura de Salapia. 34-36: O ibero Edécon presta vassalagem a Cipião; Andobales e outros apressam-se em imitá-lo; Asdrúbal prepara-se para lutar contra Cipião; Andobales alia-se aos romanos; Cipião desbarata as tropas de Asdrúbal perto de Baícula; Asdrúbal retira-se em direção aos Pireneus. 40: Cipião recusa o título de rei oferecido pelos iberos; sua magnanimidade. 41-42: Filípos demonstra uma energia extraordinária na defesa de seus aliados contra Átalos, contra os etólios e contra os romanos. 43-47: Digressão a propósito da transmissão de sinais pelo fogo. 48: Digressão sobre o rio Oxos. 49: Antíocos dispersa a cavalaria de Eutídemos e, em seguida, invade a Bactriana).))

LIVRO XI 427

((1a: Prefácio a respeito da conveniência de sumários no início de cada livro.)) 1-3: Asdrúbal, compelido a combater em condições desfavoráveis, é vencido e morto; elogio de Aníbal; a alegria em Roma. 4-6: Discurso de Trasicrates aos etólios, censurando-os por entregarem a Grécia aos romanos e convidando-os a negociar com Filípos. ((Filípos saqueia Termos. 8-9: Eleito comandante dos aqueus, Filopôimen exorta-os a armar-se e lhes impõe exercícios regulares.)) 10: Qualidades de Filopôimen. ((11-12: Filo-

pôimen derrota Macanidas e os lacedemônios perto de Mantinca; morte de Macanidas.) 13: Condições de combate de mercenários numa tirania e numa democracia. ((14-18: Invasão da Lacônia.) 19a a 19: Necessidade de explicar as intenções e as causas nas descrições de guerras; a genialidade de Aníbal. ((20-23: Cipião prepara-se para enfrentar Asdrúbal perto de Ilipa; ordem de batalha e manobras hábeis dos romanos; derrota dos cartagineses.) 24-24a: Os méritos de Cipião. 25-27: Motim parcial no exército romano; providências de Cipião para debelar o movimento. 28-30: Discurso de Cipião aos amotinados; os cabeças do movimento são executados. ((31-33: Cipião derrota Andobales perto do Ebro, e deixa a Espanha coberto de glória. 34: Antíocos III negocia com Eutídemos, rei da Bactriana, avança até os confins da Índia e negocia com o rei Sofagesenos; Antíocos III volta ao Ocidente; seu prestígio após essa expedição.))

LIVRO XII 439

((2: O lótus. 3: Erros de Tímaios relativos à África e à Córsega. 4a, b, c, d: Outros erros de Tímaios. 5, 6a, b: Erros de Tímaios a respeito dos lócrios da Itália. 7-8: As polêmicas infundadas de Tímaios. 12b-15: Continuação das polêmicas de Tímaios. 16: Considerações a propósito da legislação de Záleucos. 17-22: A propósito dos erros por Calistenes em sua narração da batalha do Issos.) 23-25c: O caráter e o método histórico de Tímaios, e seus discursos. 25d, 25e: Considerações sobre as qualidades indispensáveis a um historiador. ((25f, 25g: Continuação do mesmo assunto. 25h-26d: Os discursos em história e os excessos retóricos de Tímaios.)) 27a-28 § 6: As qualidades do historiador perfeito. ((28 § 7-28a § 10: Continuação do mesmo assunto.))

LIVRO XIII

((1-2: Distúrbios sociais na Aitolia; Scopas põe-se a serviço de Ptolemaios. 3-5: Manobras desleais de Filipo contra Rodes; Heracleides, genro de Filipo, vai a Rodes. 6-8: Crueldade de Nábis, tirano de Esparta, que entra em guerra contra Megalópolis. 9: Expedição de Antíocos até Gerra, na Arábia; seu regresso à Síria.))

LIVRO XIV 446

1a: Trecho do prefácio. 1-3: Cipião finge negociar com Sifax para preparar um ataque contra os acampamentos inimigos. 4-5: Incêndio dos acampamentos e massacre das tropas cartaginesas e numídias. 6-8: Novo esforço dos cartagineses e de seu aliado Sifax, que são novamente batidos.

9-10: Sifax retira-se para a Numídia; tentativa dos cartagineses contra a frota romana perto de Utica. ((11: Aspectos dos costumes dos habitantes de Alexandria. 12: Razões de Políbios para reunir neste livro os acontecimentos de mais de dez anos de história do Egito.))

LIVRO XV 457

1-2: Cipião envia emissários a Cartago para protestar contra a violação da trégua; eles são atacados traiçoeiramente em seu regresso. 3-5: Reinicia-se a guerra; Aníbal instala-se perto de Zama com seu exército. 6-8: Conversação entre Aníbal e Cipião. 9-11: Ordem de batalha dos dois exércitos. 12-14: Derrota de Aníbal. 15-16: Elogio de Aníbal. 17-19: Cipião impõe suas condições de paz aos cartagineses; os cartagineses aceitam-nas, aconselhados por Aníbal. ((20: Pacto escandaloso prevendo a partilha das possessões dos lagidas entre Filipo V e Antíocos III. 21-23: Discórdia em Cios; sua captura e saque por Filipo; conduta ignominiosa de Filipo em relação aos ródios. 24: Filipo ataca traiçoeiramente Tasos e a captura. 24a: Observações acerca da sequência cronológica.)) 25: Julgamento da carreira e dos crimes de Sosíbios. 25a: Agatoclés manda proclamar rei o menino Ptolemaios V, abusa de seus poderes usurpados de tutor e regente e se torna detestado; Tlepôlemos incita a opinião pública contra ele e prepara a rebelião das guarnições militares. 26a: Execução de Dênon. 26-28: A revolta cresce em toda parte e eclode em consequência da detenção de Moiragenes. 29-32: Agatoclés é forçado a entregar o rei-menino. 33: Massacre de Agatoclés e de sua família. 34-36: É preferível não insistir em falar a respeito desses episódios; julgamento sobre os historiadores Dionísios e Agatoclés da Sicília. ((37: Após seus primeiros feitos, Antíocos decepciona os contemporâneos.))

LIVRO XVI 485

((1: Diante do fracasso de seu ataque de surpresa contra Pêrgamon, Filipo percorre os domínios de Átalos. 2-5: Filipo é levado a travar combate naval contra os ródios e contra Átalos nas águas de Quios. 6: Átalos refugia-se em terra. 7-9: Pesadas perdas de Filipo; elogio do almirante ródio Teofílicos. 10: Conduta insensata de Filipo após a batalha de Lade. 11: Filipo força Prínassos a capitular.)) 12: Reflexões de Políbios sobre as narrações de fatos miraculosos em História, a propósito da captura de Íasos por Filipo. ((13: A política odiosa de Nábis de Esparta e sua agressão a Messene.)) 14: Erros cometidos pelos historiadores ródios Zênon e Antístenes a respeito da batalha de Lade. ((15: Continuação do mesmo

assunto. 16-17 § 7: A geografia do Peloponeso.) 17 § 8-20: Defeitos a evitar em História, a propósito da batalha travada em Pânion por Antíocos III. ((21: Inconsciência de Tlepôlemos dilapidando os fundos públicos. 22: De volta da Macedônia, Ptolemaios incita a opinião pública contra si mesmo. 22a: A lealdade inabalável de Gaza através dos tempos.)) 23: De volta da África, Cipião celebra seu triunfo em Roma. ((24: Filipo é bloqueado pelas frotas dos ródios e de Átalos em Bargília. 25-26: Átalos e os embaixadores romanos em Atenas.)) 27-28: Energia incansável de Filipo, que entra em campanha contra os helespontinos. ((29-33: Cerco dos Ábidos; resistência heroica dos abidenos e captura da cidade. 34-35: Encontro entre Filipo e um embaixador romano em Ábidos; Rodes junta-se aos romanos. 36-38: Campanha vitoriosa de Filopôimen contra Nábis; Filipo reclama a participação dos aqueus contra Roma. 39: Eventos na Ásia.))

LIVRO XVIII 492

1-10: Conferência em Nícaia entre Filipo e Flamínio, rodeado por seus aliados gregos; conclusão de uma trégua para a apreciação do assunto pelo Senado romano. 11-12: Embaixadores das cidades gregas e de Filipo apresentam-se diante do Senado; consideradas insignificantes as concessões de Filipo; a habilidade de Flamínio. 13-15: Digressão acerca dos traidores e da traição. ((16: Átalos em Sicíon. 17: A mulher de Nábis em Argos. 18-20: Movimentação dos exércitos de Filipo e de Flamínio na Tessália. 21-27: O exército de Filipo é aniquilado em Cinos Cefalai. 28-32: Digressão acerca da superioridade da legião romana sobre a falange grega.)) 33: Elogio de Filipo diante da derrota. 34-39: Conferência em Tempe entre Filipo e Flamínio, que se atrita com seus aliados etólios; conclusão de um armistício de quatro meses, a ser referendado pelo Senado romano. 40: Observações a propósito da má fé. ((40a: Vantagem da localização de Éfesos.)) 41: Átalos e seu caráter. ((42: Apesar de certa oposição, o Senado e o povo romano ratificam o tratado de paz com Filipo; o Senado adia a conclusão de uma aliança com os aqueus. 43: Os chefes do partido macedônio na Boiotia são assassinados pelos adeptos dos romanos.)) 44-46: Flamínio entende-se com os emissários do Senado acerca da situação das cidades gregas e lança em Corinto uma proclamação recebida entusiasticamente pelos gregos. ((47-48: Encontro entre Flamínio e os embaixadores de Antíocos; acordo definitivo na Grécia; partida dos comissários romanos. 49-52: Conferência realizada em Lisimáqueia entre os embaixadores de Roma e Antíocos. 53-54: Scopas e seus amigos etólios são detidos e mortos. 55: Cerimônia da Anacletéria por ocasião da maioridade de Ptolemaios V; qualidades e defeitos de Policrates.))

LIVRO XX

((1-3: Colaboração dos apocletas etólios com Antíocos; aproximação entre Antíocos de um lado e os beócios e epirotas do outro; Antíocos presta ajuda aos eleus. 3-7: Digressão sobre a história da Boiotia no século anterior. 8: Casamento de Antíocos em Cálcis e sua derrota nas Termópilas. 9-10: Os etólios em dificuldades extremas; Glábrio exige sua rendição incondicional; reinício da guerra. 11: Nícanros detido e libertado por Filipo. 12: Os espartanos oferecem um presente a Filopôimen.))

LIVRO XXI

((1-3: Embaixadores dos lacedemônios, dos etólios e de Filipo em Roma. 3b: Os aqueus prestam ajuda a Eumenes. 4-5: Negociações entre os etólios e os dois Cipiões e conclusão de um armistício. 6: Sêleucos ocupa Fócaia. 7: Os nauarcos de Rodes. 8: Trégua na Etólia. 9: Elogio de Diofanes de Megalópolis. 10: Tentativa fracassada de Antíocos para negociar com os romanos e Eumenes. 11: Prusias, advertido por Cipião, desiste de ajudar Antíocos. 12-15: Operações navais; derrota da frota de Antíocos e suas tentativas infrutíferas de acenos de paz aos Cipiões. 16-17: Após a derrota em Magnesia, Antíocos aceita todas as condições impostas pelos romanos. 18-21: Embaixadas a Roma; discurso de Eumenes no Senado acusando os ródios. 22-23: Discurso dos ródios, julgado hábil e moderado. 24: O Senado aprova o plano de um tratado com Antíocos e fixa as linhas gerais de um plano de composição da situação na Ásia; volta dos Cipiões a Roma. 25: Amínandros é reconduzido ao seu reino; progresso dos etólios; desembarque de M. Fúlvio Nobílior na Ilíria com um grande exército. 26: Cerco de Ambracia pelos romanos; os epirotas tentam deter embaixadores etólios como reféns. 27-28: Resistência heroica e hábil dos ambraciotas. 29-32a: O cônsul e, em seguida, o Senado concordam em negociar com os etólios; cláusulas do acordo. 32c: Tentativa bem-sucedida de Filopôimen contra Esparta. 33-35: Campanha de Mânlio Vulso na Pisídia; sujeição de Moagetes, tirano de Cibira; Vulso avança até a Panfília. 36-40: Campanha de Vulso contra os gálatas. 41: Vulso recebe embaixadas em Éfesos; chegada de Eumenes e dos emissários do Senado na primavera de 188. 42: Texto do Tratado de Apâmeia. 43-45: Acerto final a respeito da Ásia Menor.))

LIVRO XXII 513

((3: Os lacedemônios protestam em Roma contra a opressão dos aqueus sobre os habitantes de seu território; renovação da aliança entre Ptolemaios e os aqueus. 4: Situação na Boiotia; o caso de Zêuxipos. 5:

Os lícios recusam-se a obedecer aos ródios. 6: Queixas contra Filipo em Roma. 7-9: Assembleia dos aqueus em Megalópolis e debates acerca das relações entre a Confederação Aqueia e Eumenes, Sêlucos e Ptolemaios. 10: Os aqueus rejeitam as exigências de Metelo. 11-12: Nova missão à Macedônia; representantes aqueus e lacedemônios desentendem-se diante do Senado. 13-14: Massacre em Marônea; protestos de Ápio Cláudio; Filipo decide enviar seu filho Demétrios a Roma; seus planos de desforra. 15: Intervenção dos comissários romanos visando à solução das querelas entre cidades cretenses. 16-17: Repressão cruel exercida pelos nativos egípcios revoltados.) 18: Reflexões sobre as causas da terceira guerra da Macedônia. 19: Conduta reprovável de Filopôimen em relação a Árcon. 20: Elogio de Apolonis, mãe de Eumenes; festas em Cízicos após a guerra contra Prusias. ((21: Elogio do chefe gálatas Ortiágon. 22: Os méritos de Aristônicos, servidor de Ptolemaios.))

LIVRO XXIII 516

((1-3: O Senado ouve acusações contra Filipo, feitas por Eumenes e por seus vizinhos da Grécia, e manifesta sua simpatia ao jovem Demétrios. 4: O Senado tenta, em seguida, resolver a questão da Lacedemônia. 5: O caráter de Deinocrates de Messene. 6-8: O ressentimento de Filipo e de Perseus após o regresso de Demétrios. 9: Queixas dos ródios e de Eumenes contra Farnaces do Pontos; o Senado decide deixar os aqueus sós contra os lacedemônios e os messênios rebeldes. 10-11: Os trágicos dez anos finais do reinado de Filipo; ele deporta os habitantes das cidades costeiras e vive amargurado com a inimizade entre seus dois filhos.)) 12-14: Os méritos de Filopôimen, de Aníbal e de Públio Cipião. 15: Deve-se evitar atitudes irreversíveis em relação a um inimigo da mesma raça. ((16: Capitulção dos messênios, tratados com magnanimidade por Licortas. 17-18: Roma tem de reconhecer o fato consumado; a Lacedemônia é, afinal, admitida na Confederação Aqueia.))

LIVRO XXIV 519

((Embaixadas em Roma; representantes de Eumenes, de Ariarates e Farnaces, dos lacedemônios e dos aqueus diante do Senado. 2: Indiferentes às advertências de Roma, os aqueus acertam suas relações com os messênios e se recusam a mandar chamar os exilados lacedemônios. 3: Guerras entre cidades em Creta. 4: Expedição de Filipo contra a Trácia. 5: Recepção magnífica, em Roma, aos irmãos de Eumenes, mas eles não conseguem a cooperação do Senado contra Farnaces. 6: Estreitamento dos laços de

amizade entre a Acaia e Ptolemaios; a morte de Ptolemaios impede maiores progressos. 7: Intervenção dos aqueus em Esparta para deter Cáiron. 8: Os aqueus recusam-se, ainda, a mandar chamar os exilados lacedemônios, mas Calícrates exorta o Senado a mostrar-se mais enérgico em relação aos seus concidadãos. 8-10: Os aqueus cedem e elegem Calícrates comandante.)) 11-13: Reviravolta na história da Acaia; comparação da política de Filopôimen com a de Aristainos. ((14: Reinício da guerra entre Farnaces e Eumenes. 15: Intervenção dos embaixadores romanos, que patrocinam negociações entre os beligerantes em Pérgamon; fracasso das negociações.))

LIVRO XXV 522

((2: Farnaces aceita negociar.)) 3: Política liberal de Perseus; qualidades do novo rei; comparação com seu pai. ((4: Apoio dos romanos aos lícios contra Rodes; início da animosidade romana contra Rodes. 5: A decisão do Senado decepciona os ródios e induz os lícios a se rebelar. 6: Os embaixadores de Rodes nada obtêm; os dardânios e os tessálios queixam-se de Perseus.))

LIVRO XXVI

((1-1a: Comportamento estranhável de Antíocos.))

LIVRO XXVII 523

((1-2: Discórdia na Boiotia; a maioria das cidades opta por Roma. 3: Os ródios alinham-se com Roma. 4: Mensagem de Perseus aos gregos. 5: Perseus não pode dar apoio às cidades beócias fiéis a ele. 6: O Senado decide declarar guerra a Perseus. 7: Manifesta-se em Rodes a oposição à colaboração com os romanos. 8: Após um resultado favorável às suas armas, Perseus tenta, inutilmente, negociar com os romanos. 9-10: As opiniões exaltam-se na Grécia, onde se deseja a vitória de Perseus. 11: O cesto, uma arma nova. 12: Elogio do rei trácio Cotis. 13: Ptolemaios, comandante de Chipre. 14: Os ródios aceitam resgatar os prisioneiros macedônios. 15-16: Alguns epirotas começam a manifestar-se contra a tutela de Roma; tentativa para entregar o cônsul a Perseus. 17: Comentário a propósito de Farnaces. 18: Átalos tenta obter a devolução a Eumenes das honras das quais os aqueus o haviam privado. 19: Antíocos IV inquieta-se com os preparativos em Alexandria e envia uma embaixada a Roma.)) 20: Observações sobre a oportunidade e o espírito de iniciativa.

LIVRO XXVIII 524

((1-2: O Senado abstém-se de intervir no conflito entre Ptolemeios e Antíocos, e acolhe favoravelmente os embaixadores de Rodes. 3-5: O cônsul envia emissários a Acaia, a Aitolia e a Acarnânia para advertir os políticos suspeitos de frieza em relação à causa romana. 6-7: As diferentes tendências dos políticos aqueus; Árcon é eleito comandante, tendo Políbios como hiparco; após gestões de Políbios os aqueus decidem devolver as honras retiradas de Eumenes.)) 8-9: Perseus esforça-se por trazer para o seu lado o ilírio Gêntios; falta de clarividência e de generosidade do rei da Macedônia. 10: Avanço de Filípos na Macedônia. ((11: Captura de Héacleion.)) 12-13: Os aqueus decidem propor ao cônsul o envio de todo o exército da Confederação como reforço; Políbios é incumbido de levar-lhe a informação; o Cônsul recusa o oferecimento e aconselha Políbios a mandar responder negativamente ao pedido de reforços feito aos aqueus por A. Cláudio Cento. ((14-15: Em Creta, crime revoltante dos cidônios, aos quais Eumenes envia socorro. 16-17: Opiniões divididas em Rodes; envio de emissários dos ródios ao Senado e ao cônsul, na Grécia; Filípos leva seus visitantes a oferecer seus bons ofícios para pôr fim à guerra; os adversários dos romanos em Rodes agem ostensivamente.)) 18-19: Emissários da Grécia reunidos em Alexandria são mandados por Ptolemeios a Antíocos. 20: Antíocos lhes dirige palavras agradáveis, mas continua a avançar em direção a Alexandria. 21: Efeitos da influência maléfica de Êulaios sobre Ptolemeios. ((22-23: Antíocos comunica aos emissários ródios que se reconciliou com Ptolemeios.))

LIVRO XXIX 530

1: Emílio Paulo reage às críticas aos comandantes. ((2: Informado do sucesso de Antíocos no Egito, o Senador envia ao Oriente uma embaixada chefiada por C. Popílio Lenas.)) 3-4: Conclusão da aliança entre Perseus e Gêntios; Perseus envia embaixadores a Rodes, a Pêrgamon e a Antíocos IV. 5-9: Contatos secretos entre Perseus e Eumenes. 10: Progressos dos adversários de Roma em Rodes; envio de uma embaixada ródia ao Senado. ((11: Acolhida favorável aos enviados de Perseus e de Gêntios.)) 12: Digressão sobre os detalhes inúteis em História. ((13-18: Citações de diversos trechos de Políbios referentes à campanha em Pidna.)) 19: Depois de Pidna, os embaixadores de Rodes são mal-recebidos no Senado. 20-21: Emílio aproveita a lição da queda de Perseus; considerações acerca da queda dos impérios. 22: Os gálatas rebelam-se contra a autoridade de Eumenes. ((23-25: Debates entre os aqueus a respeito do pedido de ajuda de Ptolemeios; Políbios

e Licortas têm de ceder. 26-27: Antíocos IV, agressor do Egito, é intimado pelo Senado a retirar-se; o círculo de Popílio; Antíocos cede; suas tropas evacuam o Egito e Chipre.))

LIVRO XXX 540

((1-2: Cercado de deferências pelos romanos, Átalos sente-se tentado a trair Eumenes, mas não cede à tentação; envio de uma missão do Senado aos gálatas. 3-5: Aviltando-se, os embaixadores de Rodes evitam o mal maior para sua pátria, mas o Senado tira a Cária e a Lícia do domínio dos ródios.)) 6-7: As três espécies de políticos gregos acusados de atitudes antirromanas no Épeiros, na Acaia, na Tessália e em Rodes. 8-9: A conduta indigna de Dêinon e de Poliáratos em seus entendimentos com Perseus. 10 §§ 1 e 2: Viagem de Emílio através da Grécia. ((10 §§ 3-6: Continuação da viagem de Emílio. 11-12: Passa a reinar a violência na Aitolia; o Épeiros entregue a Cárops. 13: Os partidários de Roma pedem aos comissários para adotarem sanções contra seus adversários políticos.)) 14: Morte de Emílio. ((15: Repressão romana no Épeiros. 16: Embaixada egípcia em Roma. 17: Missão do trácio Cotis.)) 18: Atitude indecorosamente servil de Prusias diante do Senado. 19: O Senado manda Eumenes embora sem recebê-lo. ((20-21: O Senado entrega Delos e Haliartos aos atenienses, e nada concede aos ródios. 22: Festas extravagantes organizadas em Roma para o triunfo de L. Anício. 23-24: Guerra entre Cnossos e Raucos; evacuação de Caunos e Peraia pelos ródios. 25-26: Imponente parada militar e festas pomposas em Dafne; comportamento constrangedor de Antíocos IV. 27: Os embaixadores romanos são cumulados de atenções por Antíocos. 28: Declaração de independência dos gálatas. 29: Calicrates e seus amigos são envolvidos pelo desprezo geral. 30: Prusias denuncia Eumenes diante do Senado. 31: Astimedes, evocando a ruína de seus concidadãos, obtém a conclusão de uma aliança entre Roma e Rodes. 32: O Senado recusa-se a conceder liberdade aos aqueus deportados na Itália.))

LIVRO XXXI 546

((1: Átalos defende, diante do Senado, seu irmão Eumenes, denunciado por Prusias e pelos gálatas. 2: Demétrios comove os senadores, mas não obtém permissão para regressar à Síria. 3: Embaixada de Ariarates V da Capadócia a Roma. 4-5: Os ródios apoderam-se de Calinda com o beneplácito do Senado. 6: A conduta insensata de C. Galo em Sárdis. 7-8: Ariarates recebe os comissários romanos e consegue obter de volta os restos mortais de sua mãe. 9: Morte de Antíocos. 10: Após a partilha do reino do

Egito entre os dois Ptolemaios, o Senado decide entregar Chipre a Físcon.) 11-15: Diante da recusa do Senado em permitir a volta de Demétrios, este deixa clandestinamente a Itália com destino à Síria, ajudado por Políbios. ((16: Ariarates da Capadócia consegue de Artaxias da Armênia o perdão de um condenado. 17-19: Ptolemaios Físcon renuncia à pretensão de ocupar Chipre à força, espera os resultados das negociações entre seu irmão e os comissários romanos em Alexandria e tem de enfrentar a revolta dos cirenaicos. 20: O Senado pronuncia-se por Ptolemaios, o Jovem. 21: Massanissa toma dos cartagineses a Sirtis Menor e a Emporia, e Roma lhe dá razão contra suas vítimas.)) 22: Integridade moral de Emílio Paulo. 23-25: Digressão sobre os anos de formação de Cipião Emiliano; suas relações com Políbios. ((26-30: Como Cipião soube fazer-se admirar por sua sobriedade, sua generosidade e sua coragem. 31: Os ródios aceitam um presente de Eumenes. 32: Delegação enviada por Prusias a Roma; presente de Ariarates a Roma. 33: Demétrios consegue fazer-se reconhecer como rei pelos comissários romanos.))

LIVRO XXXII

((1: Átalos é bem acolhido pelo Senado.)) 2-3 § 13: O Senado recusa-se a consentir na entrega a Átalos de Leptines e Isocrates, que Demétrios lhe tinha enviado. ((3 §§ 14 a 17: O Senado volta a recusar-se a deixar partirem os deportados aqueus sobreviventes.)) 4: Desaparição de vários políticos nocivos na Aitolia, na Boiotia e na Acarnânia. ((5-6: Os crimes do epirota Cárops, reprovados até por seus amigos romanos. 7: Embaixadores aqueus defendem os direitos dos délios diante do Senado contra os representantes atenienses. 8: Elogio de Eumenes. 9: O Senado envia uma missão para investigar as atividades dos dálmatas. 10: Ariarates em Roma; os emissários de Orofernes, seu rival, impressionaram os romanos com suas mentiras. 11-12: O reinado de Orofernes na Capadócia; Átalos impõe a volta de Ariarates ao trono; Políbios irá relatar o conflito entre Atenas e Ôropos. 13-14: O Senado se decide pela guerra contra os dálmatas e recebe uma embaixada do Épeiros. 15: Prusias invade e saqueia o território de Pêrgamon; sua conduta sacrílega. 16: Alertados por Atênaios, os romanos enviam embaixadores à Ásia Menor.))

LIVRO XXXIII

((1: Envio de nova embaixada romana à Ásia Menor; o Senado volta a recusar a libertação dos deportados aqueus. 2: Delegação de Atenas, composta de filósofos, chega a Roma. 3: Esperanças na Acaia. 4: Aristocra-

555

tes, comandante dos ródios. 5: Árquias, governador de Chipre, dispõe-se a vender a ilha a Demétrios. 6: Ariarates saqueia o território de Priene. 7: Indignado com a atitude de Prusias, o Senado envia nova embaixada à Ásia Menor. 8-10: Expedição romana vitoriosa contra os lígures dos Alpes do sul, que ameaçavam as possessões dos massalotas. 11: O Senado envia comissários com algumas naus para ajudar Ptolemaios Físcon a capturar Chipre. 12-13: Uma missão do Senado força Prusias a fazer a paz com Átalos. 14: Embaixada dos aqueus a Roma. 15: Heracleides e Alêxandros Balas em Roma; embaixada ródia e propósito da guerra cretense. 16: Apesar de solicitados a fazê-lo, os aqueus decidem não interferir em Creta. 17: Desmoralizados, os ródios vão às mais desastrosas consequências. 18: Átalos, filho de Eumenes, é bem recebido em Roma; passagem por Roma de Demétrios, o jovem filho de Demétrios I; Alêxandros Balas e Heracleides obtêm o apoio do Senado contra Demétrios I. 19: Assuntos relativos à Síria. 20-21: Reflexões esparsas.))

LIVRO XXXIV

((1: Fragmentos geográficos. 2-3: A propósito da viagem de Odisseus. 4-5 § 12: Crítica de licenças poéticas e dos geógrafos anteriores. 5 § 13-8: Outras críticas aos geógrafos anteriores; as riquezas naturais da Lusitânia. 9-16: Considerações esparsas sobre a Espanha, a Gália, a Itália, a Trácia, a Macedônia, a Grécia, a Ásia e o Egito.))

LIVRO XXXV

((1-5: A guerra contra os celtiberos.)) 6: Libertação dos deportados aqueus, inclusive Políbios.

557

LIVRO XXXVI

1: Sobre os discursos em História. 2: Os romanos procuram um pretexto para entrar novamente em guerra contra os cartagineses. 3-5: Os cartagineses decidem entregar-se à discricção romanos. 6-7: Desembarque dos cônsules em Utica; eles exigem o abandono de Cartago. ((8: Sobressalto na cidade.)) Divergências de opinião na Grécia a respeito da guerra movida por Roma contra Cartago. 10: As notícias referentes às iniciativas do falso Filipo são acolhidas na Grécia, primeiro com ceticismo e, depois, com surpresa. 11-12: Políbios é convidado pelos cônsules a ir à África; maneira de Políbios referir-se a si mesmo na *História*. 13: Morte de Calicrates; reabilitação da memória de Licortas. 14-15: O caráter de Prusias II; os bitínios se prontificam a reconhecer como rei seu filho Nicomedes; nova embaixada

558

senatorial à Ásia Menor. 16 §§ 1-10: O longo reinado de Massanissa. ((16 §§ 11-12: Continuação das considerações sobre o reinado de Massanissa.)) 17: O papel da Sorte nos acontecimentos humanos e particularmente no caso do falso Fílipos; reflexões acerca do despovoamento da Grécia.

LIVRO XXXVIII	569
1-4: As vicissitudes passadas da Grécia não podem comparar-se com os desastres que a atingem nos anos sob exame. 5-6: Observações a propósito do plano seguido por Políbios aqui e nos outros livros da <i>História</i> . 7: Asdrúbal pede a Golosses para intervir junto a Cipião no sentido de Cartago ser poupada. 8: Cipião resolve oferecer tratamento benevolente a Asdrúbal e sua família, mas este recusa. ((9-11: O Senado, apesar da conduta ofensiva dos aqueus, mostra-se conciliador; os aqueus, tendo à frente Critôlaos e Díaios, abusam de uma suposta fraqueza de Roma, tomando medidas demagógicas e preparando-se para a guerra. 12-13: Os emissários de Metelo são insultados; Critôlaos impõe seus pontos de vista.)) 14-18: Díaios substitui Critôlaos, morto em combate; reflexões a propósito da situação desastrosa do Peloponeso; violências de Díaios; execuções sumárias. 19-21: Os romanos diante da cidadela de Cartago; a queda de Cartago; Asdrúbal entrega-se ignominiosamente aos romanos; temores de Cipião quanto ao futuro de Roma.	
LIVRO XXXIX	582
((1: A propósito das tendências de A. Postúmio para as coisas gregas.)) 2: O saque de Corinto. 3: Políbios defende a memória de Filopôimen. 4-5: Políbios recusa uma parte dos bens de Diários; incumbido de resolver, após a partida dos comissários, diversas questões na Grécia, Políbios cumpre a missão com um zelo recompensado com grandes honrarias. 6: Elogio de L. Múmio. ((7: A morte de Ptolemaios; seus méritos e suas deficiências.)) 8: Epílogo da <i>História</i> .	
Índice onomástico	586
Tabelas de equivalência de unidades monetárias, pesos e medidas	629
Sobre o tradutor	631

Introdução

1. O Autor.

Políbios nasceu, aproximadamente, no ano de 208 a.C. em Megalópolis, cidade-tampão fundada pelos arcádios em 368/367 às margens do Hêlisson, afluente do Alfeiôs (atual Alfeo), para conter o imperialismo espartano. O autor da *História* pertencia a uma família abastada e aristocrática da Arcádia; seu pai era Licortas, amigo e discípulo de Filopôimen² e comandante³ da Confederação Aqueia após a morte deste. Políbios recebeu provavelmente uma educação literária e filosófica compatível com seu nascimento, e ao longo de sua obra demonstra familiaridade com os filósofos e polígrafos (Isócrates, por exemplo) dos séculos IV e III a.C. Mas a influência paterna e de Filopôimen o atraíu desde cedo, como era natural, para a vida política e militar, e já em 190-188 ele fez, presumivelmente, a sua iniciação militar na campanha dos romanos contra Antíocos III, na Ásia, e pouco mais tarde na expedição aqueia de socorro a Eumenes, então ameaçado pelos gálatas. Por ocasião da morte de Filopôimen, vítima dos messênios⁴, coube a Políbios a honra de conduzir as cinzas do herói à pátria. Em seguida, apesar de ainda não ter a idade legal para participar de missões dessa natureza, ele acompanhou o pai ao Egito com o objetivo de renovar a aliança com o rei Ptolemaios Epifânios. A partir de então, vamos encontrá-lo estreitamente ligado política e militarmente a todas as atividades da Confederação Aqueia durante a luta entre Roma e a Macedônia (171-168); em 171, Políbios estava entre os adeptos da neutralidade, ao lado de seu pai⁵; em 169, todavia, quando a Confederação, contra a opinião de Licortas e talvez do próprio Políbios,

2. Filopôimen, mencionado com os maiores elogios ao longo da obra de Políbios, foi chamado por suas qualidades excepcionais de estadista "o último dos helenos" (veja-se Plútarco, *Vida de Filopôimen*, capítulo I, final).

3. *Strategôs*, o cargo mais alto na hierarquia das Confederações helenísticas, entre as quais as dos aqueus; o *strategôs* era, ao mesmo tempo, o chefe político e militar dessas Confederações (para facilitar a composição tipográfica, as palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos).

4. Plútarco, *Vida de Filopôimen*, XXI.

5. Políbios, *História*, livro XVIII, capítulo 3.

decidiu declarar-se a favor dos romanos, ele foi nomeado hiparco⁶, sendo Árcon o comandante⁷. Em todo esse período a política de Políbios e Licortas voltou-se principalmente para os interesses da Acaia, sem pressa para aderir aos romanos, mas sem hostilizá-los. Essa era a política do partido aristocrático, à qual se opunha o partido democrático, chefiado por Calicrates, que tentava, de qualquer maneira, aliar-se aos romanos para esmagar seus opositores internos. Nessas circunstâncias, após a derrota final de Perseus na batalha de Pidna, em 168, os romanos apressaram-se em premiar o empenho de seus adeptos, apoiando-os em todas as suas manifestações de ódio político. Os vencedores reclamaram reféns, e mil aqueus, entre os mais ilustres, foram enviados para Roma. Um deles era o próprio Políbios⁸, nessa época, com cerca de quarenta anos de idade.

Durante dezesseis anos ele ficou na Itália como refém, mas graças à sua amizade com Cipião Emiliano, filho de Paulo Emílio, Políbios permaneceu em Roma, enquanto os outros reféns eram internados em diversos municípios italianos⁹.

Em 150 foi concedido a Políbios o direito de regressar à pátria juntamente com os demais reféns¹⁰. Ele valeu-se desse direito, mas, a partir daí, voltou frequentemente a Roma, agora sua segunda pátria, seja para demorar lá, seja para seguir Cipião em suas campanhas (em 146 ele estava o comandante romano por ocasião da captura de Cartago¹¹). Políbios tentou em vão evitar, com suas advertências, a última revolta da Grécia, e após a captura e destruição de Corinto, usou sua influência para favorecer os seus compatriotas, ganhando assim a sua gratidão, manifestada por várias cidades mediante a ereção de estátuas suas¹².

A *História* deve ter sido composta nesse segundo período da vida de Políbios. Situam-se nessa época numerosas viagens de estudos, além das decorrentes de razões políticas ou de amizade, cujas datas não podem ser fixadas com certeza. Políbios foi à África e à Espanha, à Gália (até o Oceano

Atlântico¹³), e morreu aos oitenta e dois anos de idade, mais ou menos em 125, em decorrência de uma queda de cavalo¹⁴.

A biografia de Políbios evidencia que dificilmente qualquer outro autor teria maiores qualificações para dedicar-se à tarefa de escrever a história dessa época.

Seria interessante situar Políbios no universo dos historiadores gregos. A partir de Tucídides, que deu à História sua feição definitiva, a evolução do gênero histórico processou-se mais em termos de um enriquecimento do que de progresso, e foi assim que Políbios o recebeu. Ele mesmo menciona ao longo da obra os seus modelos, quase sempre para criticá-los, às vezes de maneira contundente. Na ordem cronológica, esses modelos foram Teôpompos, Éforos, Calistenes, Tímaios, Fílarcos e Áratos de Sicíon, dos Séculos IV e III a.C. e dos quais nos restam apenas fragmentos. Teôpompos inovou, de certo modo, o método histórico, concentrando a sua atenção nos indivíduos e não nos acontecimentos. Sua obra principal intitulava-se *Filípica*; nela, o autor fazia gravitar todo um período da história grega em torno de Filipe da Macedônia e lhe traçou um retrato bem delineado, onde eram expostos, simultaneamente, o extraordinário talento político do pai de Alexandre, o Grande, e seus vícios e fraquezas. Políbios o censurou por conferir a Filipe um lugar excessivamente importante e por contradizer-se ao atribuir-lhe, ao mesmo tempo, qualidades e vícios, embora proceda de modo semelhante em relação a um descendente do mesmo rei, Filipo V, a ponto de ter de explicar desajeitadamente a sua contradição¹⁵.

Políbios reconhece sua dívida para com Éforos, que havia escrito a história do mundo grego e bárbaro desde o retorno dos Heráclidas (cerca de 1100 a.C.) até o cerco de Pêrintos (341 a.C.) e fora, portanto, o criador da História Universal — “o primeiro e único”, segundo Políbios¹⁶. O autor da *História* declara-se êmulo de Éforos, e na opinião de alguns autores posteriores, ter-lhe-ia imitado o próprio estilo. Calistenes, sobrinho de Aristóteles e historiógrafo oficial de Alexandre, o Grande, era um historiador curioso a respeito de vários aspectos do conhecimento humano — teorias físicas, botânica, folclore, mitologia —, e comprazia-se com as digressões do tipo

6. O cargo de *hipparkhos* (literalmente: “comandante de cavalaria”), era o segundo em importância na hierarquia das Condições, abaixo apenas do *strategós* (comandante).

7. *História*, XXVIII, 6.

8. *História*, XXX, 10.

9. *História*, XXXII, 9. Sobre as origens dessa amizade, veja-se o interessante relato de Políbios no livro XXXII, 9-11.

10. *História*, XXXV, 6.

11. *História*, XXXIX, 6.

12. *História*, XXXIX, 14. Pausânias menciona uma dessas estátuas na sua *Descrição da Hélade* (VII, 30).

13. *História*, III, 59. Para as relações de Políbios com os romanos, vejam-se XXI, 23 e seguintes e XXVIII, 12 e seguintes.

14. Pseudo-Lucianos, *Sobre a Longevidade*, 22.

15. *História*, XV, 3; XVI, 28.

16. *História*, V, 33.

das que Políbios introduz em sua obra. Embora Heródotos (copiosamente) e Tucídides (às vezes) também apreciassem essas digressões, Políbios refere-se muitíssimo mais a Calístenes; a Tucídides ele alude apenas uma vez (XVIII, 11), e nunca menciona explicitamente Heródotos, as referências aos sete persas que mataram o mago meda (o falso Smêrdis) e a Clêobis e Bítôn levem-nos a pensar que Políbios conhecia a obra famosa do Pai da História¹⁷.

Quanto a Tímaios, a própria amplitude das críticas de Políbios evidencia a sua influência sobre o autor da *História*, que lhe reprova o pedantismo livresco e a ignorância em geografia, em política e em arte militar; uma prova dessa influência é o fato de Políbios haver adotado a cronologia das Olimpíadas, imaginada por Tímaios. Por outro lado, suas longas acusações ao predecessor para justificar sua própria versão dos acontecimentos contra as de Filinos, de Fábio Píctor e de Zênon de Rodes revelam a influência de Tímaios, adepto desse tipo de polêmica exacerbada.

Fílarcos, por seu turno, compunha narrativas vivazes e cenas patéticas, das quais podemos ter uma ideia por via de Plútarco nas *Vidas de Ágis e Cleomenes*, cuja fonte foi esse historiador. Políbios censura-lhe o emprego do trágico e da narração de espetáculos tendentes a despertar a emoção¹⁸, mas é capaz, quando se lhe oferece uma oportunidade, de dar vida a episódios dramáticos e de suscitar temor e piedade mediante cenas terríficas ou comoventes, como se verá ao longo de sua *História*.

Finalmente, Áratos era mais um estadista que um historiador, porém, havia escrito suas *Memórias*, que Políbios conhecia e Plútarco utilizou em sua *Vida de Áratos*. Aos olhos do autor da *História*, o mérito maior das *Memórias* de Áratos era o de serem a obra de um estadista e de um testemunho direto, e seu defeito era apresentar omissões voluntárias; mas esses aspectos ocorrem, igualmente, no caso de Políbios.

Os modelos e influências enumerados acima, com seus méritos e seus defeitos, convergem na *História* de Políbios, sem que ele crie, a partir desse substrato, um estilo histórico estritamente pessoal. Não se pode deixar de ressaltar, entretanto, como aspecto marcante da obra de Políbios, sua extraordinária honestidade intelectual, da qual temos, entre muitos outros exemplos, os dos livros XII, 27 e XVI, 20 (parte final).

17. O episódio de Clêobis e Bítôn está em Heródotos, I, 31, e a alusão de Políbios, no livro XXII, 20; a menção aos sete persas e ao mago aparece em Heródotos, no livro III, 61-82, e em Políbios, no livro V, 43. Veja-se, também, a nota 470.

18. *História*, II, 56.

2. A Obra.

Os primeiros trabalhos de Políbios foram uma *Vida de Filopôimen* e um *Tratado de Tática*. Nos últimos anos de sua vida ele escreveu uma *História da Captura de Numância*, mas essa descrição da vitória de Cipião em 133 talvez fosse um epílogo à *História*. Cita-se, ainda, uma obra de geografia, *Sobre a Habitabilidade das Regiões situadas no Equador*; ao que tudo indica, porém, tratar-se-ia de um resumo do livro XXXIV, da *História*.

A *História*, composta de quarenta livros, é a obra maior de Políbios, ocupa um lugar destacado na evolução da historiografia, e deve ter absorvido a maior parte dos anos de sua maturidade. O seu tema é a história do período compreendido entre o início da segunda Guerra Púnica (221) e a captura de Corinto pelos romanos (146). Mas esse tema somente começa a ser tratado no terceiro livro, pois Políbios antepôs à parte principal dois livros introdutórios a propósito dos acontecimentos ocorridos entre 264 e 221, ou seja, retroagiu ao início da primeira Guerra Púnica. Esse procedimento foi adotado para fazer de sua *História* uma continuação da obra de Tímaios, que se detinha em 264, e da de Áratos de Sición, cujo termo era o ano de 221¹⁹. Além da simples continuidade histórica, havia outras razões para a escolha de Políbios quanto ao seu ponto de partida. O período cuja história ele se propõe narrar corresponde aos cinquenta e três anos (221-168) durante os quais se operou a maior revolução histórica da Antiguidade: a submissão de todo o mundo conhecido na época ao poderio dos romanos²⁰; nos vinte e dois anos seguintes (168-146) Roma completou a conquista da Grécia e a destruição de Cartago. Diante do caráter global do domínio romano, Políbios quis escrever uma história geral, abandonando o procedimento predominante até então entre os historiadores, consistente em tratar de assuntos circunscritos a certas regiões²¹. Mas essa não é a única nem a principal diferença entre a obra de Políbios e a de seus predecessores; o mais importante é a intenção do autor de escrever uma história *pragmática*, ou seja, voltada especialmente para a época contemporânea e de caráter essencialmente político e militar²².

19. *História*, I, 3 e 5.

20. *História*, I, 1.

21. *História*, I, 3, 4.

22. *História*, I, 2.

Outro aspecto notável é a preocupação de Políbios com a etiologia dos acontecimentos. Embora Tucídides já tivesse dado atenção a esse ponto²³, Políbios atribui-lhe uma importância singular²⁴, distinguindo a causa propriamente dita (*aitia*) do começo (*arkhé*) e do pretexto (*prôphasis*, palavra já usada Tucídides no trecho de sua *História* mencionado na nota 23).

Merece menção à parte o papel atribuído por Políbios à Sorte (*Tykhé*) no determinismo histórico, pois, à primeira vista, parece haver uma contradição na *História* quanto a esse aspecto; com efeito, o nosso autor ora diz que a Sorte determina todos os acontecimentos e que a História não pode fugir à sua intervenção, ora afirma que não se deve admiti-la na sua explicação, e que seria melhor investigar as causas em vez de contentar-se com uma solução cômoda²⁵. O próprio Políbios, todavia, esclarece a dúvida, afirmando, no capítulo 17 do livro XXXVI, que certos acontecimentos são obra da Sorte, enquanto outros se devem à ação (ou omissão) dos próprios homens.

O ponto fraco da obra de Políbios é a sua maneira de escrever. Seu estilo, embora não chegue a ser detestável, como afirma Alfred Croiset²⁶, está longe de poder comparar-se com o de seus grandes predecessores, Heródotos e Tucídides; a composição carece de elegância, e o estilo, propriamente dito, é tedioso, a ponto de o crítico literário (e também historiador) Dionísios de Halicarnassos, que ensinou em Roma a partir de 30 a.C., incluir em seu tratado *Da Disposição das Palavras* (4, 15, página 75 da edição “Les Belles Lettres”) a *História*, de nosso autor, entre as “obras que ninguém tem paciência de ler até o fim”. Políbios repete, cansativamente, elegâncias banais e metáforas gastas²⁷, e gosta de usar palavras pomposas e inexpressivas, e epítetos vazios e inócuos. Suas frases são, geralmente, prolixas e monótonas, pois onde bastaria usar uma palavra, Políbios emprega, geralmente, duas. Nosso autor explica tudo com uma

precisão cansativa; o encadeamento dos fatos é rigorosamente marcado, não deixando ao leitor a oportunidade de tirar suas conclusões²⁸.

O próprio Políbios, entretanto, atribuindo importância maior à veracidade do relato que aos cuidados estilísticos²⁹, anteviu o destino de sua obra; com efeito, apesar de todas as críticas dos antigos quanto ao aspecto formal da *História*, ela é um dos grandes monumentos da historiografia de todos os tempos, imitada Tito Lívio, que a reproduz frequentemente³⁰; em suma, a *História* é, até hoje, considerada a fonte mais importante para o período da história greco-romana abrangido pela obra, e sob esse aspecto constitui um instrumento de trabalho indispensável, tido na mais alta conta em todas as gerações sucessivas desde Cícero (*República*, II, 14) e Tito Lívio (este diz no capítulo 45 do livro XXX de sua *História Romana* que a obra de Políbios não pode ser ignorada) até Montesquieu³¹, passando pelos imperadores bizantinos.

Somente os cinco primeiros livros dos quarenta da *História* chegaram completos aos nossos dias³². Dos restantes conhecemos apenas trechos selecionados, mais ou menos longos, e fragmentos, em escala menor, conservados em citações de escritores posteriores (principalmente Strábon, em sua *Geografia*, e Atênaios, nos *Deipnosophistas*). Entre esses excertos destacam-se a chamada *Epítome* ou *Excerpta Antiqua*, contendo extratos extensos dos livros VI a XVI e XVIII, e os chamados *Extratos Constantinianos*, classificados por assuntos e compilados em obediência a ordens do imperador bizantino Constantino VII, conhecido como Porfirogênito, que viveu de 912 a 959; os *Extratos Constantinianos* abrangem o conjunto da obra, e nem neles, nem na *Epítome*, aparecem os livros XVII e XIX.

28. Teófrastos, discípulo de Aristóteles, já considerava inconveniente, do ponto de vista estilístico, o excesso de detalhamento e explicitude: “Nem todos os pontos possíveis devem ser minuciosos e tediosamente detalhados; alguns devem ser deixados à percepção e à inferência do ouvinte. Este, quando percebe o que foi deixado por dizer, torna-se não somente o nosso ouvinte, mas a nossa testemunha, e muito amistosa em relação a nós, pois julga-se inteligente porque o escritor lhe proporcionou meios de manifestar a sua própria inteligência; parece um menosprezo ao ouvinte dizer-lhe tudo, como se ele fosse um ignorante” (fragmento do tratado de Teófrastos *Sobre a Elocação*, citado por Demétrios, *Do Estilo*, edição de Rhys Roberts, Cambridge, 1902 § 222, página 172).

29. Políbios compara a veracidade na História com os olhos num ser vivo (I, 14, fim). Vejam-se, também, a propósito do papel de certo modo secundário do estilo na sua obra, os capítulos 17 e 18 do livro XVI.

30. Veja-se a extensa relação dos trechos de Tito Lívio onde a fonte é, indubitavelmente, Políbios, no índice da obra de Paul Pédech, mencionada no fim da introdução.

31. Talvez a parte mais conhecida da obra de Políbios seja o livro VI, onde ele comenta a constituição e as instituições dos romanos e as compara com outras da Antiguidade. A teoria da constituição mista é atribuída a Dicáircos, discípulo de Aristóteles, citado por Cícero; veja-se Zeller, *Die Philosophie der Griechen*, vol. II, páginas 892-893, reimpressão de 1963.

32. O quadragésimo livro constituiria uma recapitulação geral da obra.

23. Veja-se a *História da Guerra do Peloponeso*, I, 23 (fim).

24. *História*, III, 6; 31; 32; VI, 1; XII, 25 b.

25. *História*, I, 4; 63; II, 38; XV, 37; XVIII, 28; XXIX, 21. Para a Sorte, em geral, na obra de Políbios, vejam-se as referências no índice.

26. *Histoire de la Littérature Grecque*, vol. V, página 286.

27. Vejam-se, a propósito, as considerações do próprio Políbios sobre as suas repetições no capítulo 12 do livro XXIX.

Além dessas építomes principais há outras menores: a *De Legationibus*, a *De Insidiis*, a *De Stratagematis*, a *De Virtutibus et Vitiis* e a *De Sententiis*. Existem, ainda, curtos e escassos trechos conservados em papiros e pela tradição indireta, ou seja, citações em autores posteriores. Nesta última categoria muitos editores e comentadores de Políbios não hesitam em considerar como fragmentos de nosso autor as extensas transcrições de Tito Lívio em sua *História Romana*, que constituem praticamente uma tradução em latim do original grego³³. Outros historiadores antigos, como Diôdoros Sículo e Apianos, e Plútarco em suas *Vidas Paralelas*, também recorrem com frequência a Políbios, dissimulada ou abertamente.

3. A Seleção.

A parte anterior desta introdução demonstra que desde a Antiguidade a obra de Políbios vem sendo objeto de seleções. Uma das razões desse procedimento deve ter sido a própria extensão da obra (para não falar na opinião emitida por alguns críticos, como a de Dionísios de Halicarnassos mencionada pouco acima). Confirmando essa prática, Plútarco nos diz na *Vida de Bruto* (IV, fim) que Marco Bruto se dedicava a fazer um resumo da obra de Políbios nos momentos de lazer em suas atividades político-militares.

Na época moderna foi publicada, na Inglaterra, uma seleção da *História* feita e comentada por J. L. Stracham-Davidson (1888) e justamente apreciada até hoje, que contribuiu para uma divulgação ainda maior de Políbios nos países de língua inglesa.

Na presente seleção, feita basicamente com o objetivo de pôr o essencial de Políbios à disposição de nossos leitores sem onerar demasiadamente o custo do livro, procuramos eliminar, antes de mais nada, os trechos mais áridos, anacrônicos e técnicos da obra por sua própria natureza — por exemplo, as longas digressões geográficas e as descrições minuciosas da organização e do armamento do exército romano e de muitas batalhas; suprimimos, também, as partes de interesse preponderantemente local³⁴. Mas isso não

seria bastante e, por certo, tivemos de omitir mais do que desejaríamos. Entretanto, para dar uma ideia do conjunto, o sumário anteposto à tradução é completo, e nele os capítulos e livros excluídos da seleção aparecem entre parênteses duplos ((...)).

4. A Tradução.

Esforçamo-nos na tradução por compatibilizar a clareza com a fidelidade, tarefa especialmente difícil no caso de Políbios. As repetições constantes de palavras e às vezes até de frases a curta distância, para as quais o próprio autor pede a indulgência do leitor³⁵ foram, geralmente, respeitadas pelo tradutor, da mesma forma que outras peculiaridades do estilo — ou da falta de estilo — de nosso autor; tentamos, assim, reproduzir, tanto quanto possível, as várias facetas do original, embora cedendo, às vezes, à tentação de acrescentar uma palavra ou parafrasear uma expressão para evitar a obscuridade ou a ambiguidade de Políbios, que, como vimos ao longo dessa introdução, não tinha maiores preocupações puramente literárias. As partes da obra omitidas na seleção foram assinaladas com [...].

Não seguimos com exclusividade na tradução um texto determinado, mas preferimos, de um modo geral, o estabelecido por Hultsch (Berlin, 1867-1871). Consultamos, nas passagens mais problemáticas, as traduções inglesas de Schuckburg (London, 1889, 2 vols.) e Paton (London-Cambridge/Mass., 1922 e seguintes, 6 vols.), e a francesa de Roussel (Paris, 1970). Para a introdução, recorreremos principalmente à *Histoire de la Littérature Grecque*, de Alfred e Maurice Croiset (vol. V, Paris, reimpressão de 1938), e à obra exaustiva de Pédech *La Méthode Historique de Polybe* (Paris, 1964).

Rio, agosto de 1984
Mário da Gama Kury

33. Veja-se a nota 30 para o cômputo dessas “apropriações” de Tito Lívio.

34. Por exemplo, o bairrismo de Políbios leva-o a alongar-se demasiadamente nos assuntos relativos à sua região — a Acaia — e à sua cidade — Megalópolis —, e naturalmente, à Grécia, em geral. Em defesa do critério da Seleção, faço minhas as palavras do próprio Políbios no capítulo 11 do livro VI, a propósito de eventuais omissões do autor na *História*.

35. Veja-se a parte final do capítulo 12 do livro XXIV.